FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

156

INSCRIÇÕES 620-621



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE ALTAR FUNERÁRIO DE CONIMBRIGA RELATIVO A INDIVÍDUO PERTENCENTE À GENS ANTONIA

(conventus Scallabitanus, provincia Lusitania)

Apresenta-se a parte superior de um altar funerário de calcário oolítico ([34.5]x37x19), conservando, quase íntegro, o cimásio (11.5x37x19) e o início do fuste ([23]x36.8x19), cuja face anterior acolhe o campo epigráfico. Apenas se encontra trabalhado nas faces anterior e laterais, tendo a posterior sido preparada para adossamento. Destaca-se, assim, pela configuração adelgaçada, resultante de a proporção entre a espessura e a largura corresponder sensivelmente a ½, mas apenas se conserva cerca de um terço do original, estando perdidos boa parte do fuste e a base.

A peça foi seguramente reaproveitada na ombreira de um vão de porta ou janela, dado apresentar, no lado direito do seu coroamento, um rasgo alongado (11x6,5x5,5) que se interpreta como cavidade na qual corria uma tranca de fecho de portada. Não obstante, serviu posteriormente como material de enchimento de uma parede da casa de habitação que pertenceu ao mestre pedreiro António Valeiro, sita na rua da Fonte, n.º 36, em Condeixa-a-Velha, de onde foi retirada em 2008. Foi doada ao Museu Monográfico de Conímbriga, a 29 de Novembro desse ano, por Joaquim Augusto Baptista da Costa, integrando actualmente a reserva visitável (número de inventário: 08.1). O seu contexto original será a necrópole alto-imperial de *Conimbriga*, ainda mal conhecida, mas cuja localização exterior à primeira muralha da cidade é segura,

havendo registo de diversos vestígios da mesma, nomeadamente na área da EN 347/IC 3.

O cimásio, composto por *fastigium* simples e *pulvilli* agregados à metade inferior dos seus lados rampantes, assenta directamente no fuste. Os *pulvilli* encontram-se envoltos por elementos foliáceos alongados, semelhando folíolos de palma, amarrados por torçal, ao modo do *balteus* das volutas jónicas, e no alçado anterior receberam roseta heptapétala em relevo gravado integrada por rebordo liso, como se aprecia no lado direito, uma vez que o oposto foi profundamente danificado em virtude do reaproveitamento que a peça sofreu. O motivo floral tem repetição no centro do tímpano, onde se destaca uma roseta octopétala, de centro quadripartido, inserta em círculo relevado. A roseta do alçado do *pulvillus* conserva vestígios de pintura ocre (detectados à lupa e com foco de luz direccionada¹), documentando que este tipo de manifestações escultóricas seria amiúde enriquecido com cor.

Sobre a aresta projectada pelo *fastigium*, conserva três pequenos orifícios circulares com sensivelmente 10 mm de diâmetro². Amiúde os altares funerários ostentam pares de orifícios, algo maiores, posicionados na face anterior e sobre a molduragem do capitel destinados a suspender grinaldas ou coroas de flores em ocasiões de sacrifício, à semelhança dos registos que temos bem documentados na capital provincial, tal como noutras paragens do mundo romano³. Mas a inserção do terno de orifícios no topo do

Agradecemos à Professora Doutora Lídia Catarino, do Departamento de Ciências da Terra de Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, o exame analítico realizado à peça, durante o qual foram detectados os vestígios cromáticos em causa.

² O da frente encontra-se separado 4,9 cm do central e este 5,9 cm do que está mais atrás, sendo a distância dos extremos aos limites dianteiro e traseiro da aresta de 1,7 e 3,6 cm, respectivamente. A medida exacta dos seus diâmetros é de 1 cm para os primeiros e de 1,1 cm para o último.

³ TRILLMICH, Walter, De altar a tabernáculo: evolución tipológica y artística de un modelo de representación funeraria, *in* EDMODSON, Jonathan, NOGALES BASARRATE, Trinidad e TRILLMICH, Walter, *Imagen y memoria: monumentos funerarios con retratos en la* colonia Augusta Emetita, Madrid: Real Academia de la Historia e Museo Nacional de Arte Romano, 2001 [p. 19-35], p. 29 refere que muitos altares com retratos de Mérida apresentam, por cima da representação

altar revela-se díspar da habitual localização dos que se destinavam à fixação de elementos metálicos usados para suspensão de adornos florais, conjecturando-se poderem ter servido para sustentação de *foculus*, ou de *tubibulum*, metálico e amovível, uma vez que a estrutura do suporte não se revela funcional para a queima de oferendas por ausência da cavidade destinada para o efeito, ainda que também se saiba que uma parte dos altares funerários não teve finalidade sacrificial, o que ocorre, entre os que ostentam retratos, essencialmente entre os mais tardios, utilizando-se o solo para a deposição de oferendas⁴.

O campo epigráfico quadrilateral ([13,5]x[22]), plausivelmente rectangular vertical, mas de que apenas se conserva pouco mais do que o canto superior direito, apresenta molduragem idêntica à habitual nos suportes epigráficos de *Conimbriga*, delineada por meio de toro e escócia bastante aberta, enquadrada por original rebordo inciso preenchido por sulcos diagonais.

As faces laterais do fuste receberam alisamento. A face posterior apresenta marcas de acabamento a ponteiro e rebaixamento de banda perimetral, indiciando preparação para receber argamassa que permitisse o adossamento do altar a uma estrutura arquitectónica de âmbito funerário.

Da inscrição apenas se conserva a parte final das duas primeiras linhas, nas quais, verosimilmente, começa a identificação do defunto. É fortemente plausível que esta fosse duonominal, associada à filiação expressa por meio de patronímico e intercalada,

de pilastras, orifícios, alguns com restos de elementos metálicos, destinados a suportar grinaldas de flores em ocasiões de sacrifício; outros representam mesmo grinaldas ou ramos florais na face posterior, sendo também plasticamente documentada a suspensão por intermédio de grandes cravos — um dos altares de Mérida mais interessantes deste ponto de vista concilia a representação de grinalda esculpida na face traseira, com a existência, na anterior, sob os *pulvilli*, de dois orifícios do género que são interpretados para cravos metálicos destinados a segurar a decoração real do altar em ocasiões de sacrifício (Trillmich, *ob. cit*, p. 29, n. 35 e p. 31, fig. 1.28-31; *HEp* 11, 58). A título de exemplo, podem também apontar-se alguns altares de *Lugdunum* (cf. LAUBRY, Nicolas, Les inscriptions funéraires des monuments lyonais, *in* Goudineau, Christian, dir., *Rites funéraires à Lugdunum*, Paris: Editions Errance, 2009, [p. 135-153], p. 138-139, 143 e 149).

Ficheiro Epigráfico, 156 [2017]

⁴ Trillmich, op. cit., p. 21 e 34-35; LAUBRY, op. cit., p. 138.

ao modo romano, entre o *nomen* e o *cognomen*, tratando-se, desta forma, de um cidadão romano da urbe. Como veremos, é a onomástica restituível que nos permite sustentar esta interpretação, creditando-a relativamente à de um eventual estatuto peregrino.

[AN]ŢONIO [VEGE]Ţ浪(ILIO) [---

A António [---], filho de Vegeto [---.

Altura das letras: 1. 1: 4,4; 1. 2: [3,8]. Margens (esq. / dir.): -; 0,9/1,9. Espaços: 1: 2/2,8; 2: 1,7/1,9.

Como se vê, o que se conserva da inscrição propriamente dita resume-se ao final das duas primeiras linhas de texto. A primeira conserva incólumes as três letras finais – um N. um I e um O – antecedidas de mais duas que facilmente se reconstituem como um T, algo mais elevado que as restantes letras e do qual se conservam a barra e indícios claros, mas ténues, da haste, e um O. de que se mantém a parte superior e lateral direita, apresentando desenho circular idêntico ao que remata a linha. A segunda, devido à fractura oblíqua que amputou o suporte, está reduzida a três caracteres incompletos, mas restituíveis: os dois primeiros correspondem a um T e a um I, restando daquele uma barra posicionada no alinhamento da parte superior desta regra e estando o segundo incompleto na parte inferior; seguem-se um espaço interliteral ocupado por uma *hedera* e um F, cuja haste também se encontra afectada pelo corte do suporte. As extremidades das hastes verticais do N, paralelas entre si, e as do I são rematadas por diminutas serifas, que também se observam nas extremidades dos caracteres da segunda linha. Trata-se de capitais quadradas gravadas em bisel, denotando uma paginação cuidadíssima no interior do campo epigráfico rebaixado, plausivelmente em caixa, como nos sugere o exercício de restituição do texto que propomos. A hedera distinguens, diminuta e figurada por margem elipsóide e pecíolo curto, posiciona-se a meio da altura das letras.

Tendo em consideração o espaço em falta à esquerda é com relativa segurança que se restitui o gentilício *Antonius*, já

documentado em *Conimbriga* através de inscrição funerária hoje desaparecida⁵, datável a partir dos meados do século II e que terá sido, em 1519, reutilizada na igreja matriz de Condeixa-a-Nova, conjuntamente com, pelo menos, mais treze suportes epigrafados⁶.

A restituição do patronímico é igualmente aceitável⁷, tendo em consideração os dados metrológicos e a documentação local do antropónimo latino *Vegetus*, aliás bastante bem representado no território lusitano⁸. Está documentado duas vezes em *Conimbriga*: numa placa funerária⁹, de época flaviana ou pouco posterior, e num grafito sobre *terra sigillata* itálica¹⁰, pré-flaviano, estando, no primeiro caso, integrado em nomenclatura peregrina.

Os Antonii já conhecidos em Conimbriga, constantes do epitáfio acima referido, parecem relacionar-se com o meio social de extracção servil da cidade. O facto de a mãe e irmã do defunto Antonius Flavinus, que surgem como dedicantes, juntamente com Flavius Flavus, o pai, estarem apenas identificadas pelo nomen gentilicium, Antonia e Flauia, respectivamente, não evidencia a ilustração de um desconhecimento das regras clássicas da transmissão dos nomes¹¹, pois essa é regulada juridicamente. Mas a situação de estarem no papel de dedicantes poderia justificar uma identificação abreviada, mesmo que distinta da identificação

⁵ CIL II 366 = Fouilles de Conimbriga II, 39 [= ÉTIENNE, Robert, FABRE, Georges e Lévêque, Pierre e Monique, Épigraphie et sculpture, Paris: De Boccard, 1976 (Fouilles de Conimbriga; 2)].

⁶ PESSOA, Miguel e RODRIGO, Lino, *Património quinhentista do Município de Condeixa-a-Nova: apontamento museológico*, Condeixa-a-Nova: Câmara Municipal e Associação Ecomuseu de Condeixa, 2015, anexo I.

⁷ Também se ponderou a correspondência ao antropónimo indígena *Boutius*, igualmente documentado na cidade (*Fouilles de Conimbriga* II, 394), tal como a forma feminina (*Fouilles de Conimbriga* II, 51; *AE* 1994 829). Porém, tendo em consideração o número de letras que ficariam em falta e a paginação percepcionada, esta hipótese afigura-se menos ajustada, tal como ilustrou o exercício de reconstituição elaborado.

⁸ Grupo Mérida, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida e Bordéus: Fundación de Estudios Romanos e Ausonius Éditions, 2003, p. 336-337.

⁹ ILER 6342 = Fouilles de Conimbriga II, 32.

¹⁰ Fouilles de Conimbriga II. 307.

¹¹ Ideia sustentada por Ruivo, José, *L. Antonio Vrso liberti et familia*: notas sobre uma inscrição de *Collipo, Conimbriga*, 31, 1992 [p. 119-154]. p. 138.

duonominal do pai, que, como sugerem os editores de *Fouilles de Conimbriga*, pode radicar num uso local pautado por uma certa indiferenciação da personalidade feminina em face da própria *gens*¹², ainda que, em nosso entender, se possa suspeitar de sintoma estreitamente associado ao estrato dos *liberti*.

Refira-se, também, que a homonímia entre o *Antonius Flavinus* de *Conimbriga* e um sexviro júnior de *Ebora*, *C. Antonius Flavinus*, apontada pelos mesmos editores¹³, parece não poder ser levada em consideração, se atentarmos no facto de o documento que têm por referência¹⁴ vir sendo encarado como apócrifo, da autoria de André de Resende a partir de *CIL* V 4365¹⁵, ainda que não haja unanimidade nesta apreciação¹⁶.

Os registos referentes ao antropónimo *Antonius/-a* na Lusitânia correspondem esmagadoramente à sua função natural de gentilício¹⁷, sendo residuais os casos nos quais comprovadamente se utiliza como idiónimo ou cognome, algo que, todavia, parece restringir-se à Lusitânia interior, arrolando-se quatro registos contra quarenta em que se documenta como *nomen*¹⁸. Os *Antonii* têm, inclusive, documentação assinalável na fachada atlântica

¹² ÉTIENNE *et alii*, *ob. cit*, p. 69.

¹³ *Ibidem*, p. 69, n. 17.

¹⁴ CIL II 115.

¹⁵ Hübner, Emil, *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum*, Berolini: apud Georgium Reimerum, 1892 (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2), p. 805; Encarnação, J. d', *Inscrições romanas do* conuentus Pacensis: *subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia, 1984 (= *IRCP*), p. 443; Ruivo, *op. cit.*, p. 138-139; Encarnação, José d', Uma inscrição romana de Évora forjada por André de Resende, *Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, 2.ª série, 7, 2008, p. 213-218.

¹⁶ Contra ÉTIENNE, Robert, Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien, Paris: De Boccard, 1958 (reimp. 1974), p. 254; STANLEY JR., Farland H., CIL II 115: observations on the only Seuir Iunior in Roman Spain, Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik, 102, 1994, p. 226-236.

¹⁷ Corresponde ao décimo *nomen* mais difundido nas províncias hispânicas, segundo ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispânia*, Murcia e Madrid: Universidad de Murcia e Universidad Complutense (Anejos de Antigüedad y Cristianismo; 2), 1994, p. 29.

¹⁸ Grupo Mérida, *ob. cit*, p. 91-92

lusitana, mormente entre os rios Mondego e Tejo¹⁹, com particular destaque para os centros urbanos de $Olisipo^{20}$, onde se conhece inclusive um elemento que exerceu o duunvirado²¹, e $Scallabis^{22}$, intuindo-se possível relação familiar dos indivíduos documentados nesta cidade com a família olisiponense do duúnviro Q. Antonius $Gallus^{23}$, ostentando eles essa origo. Será ainda de salientar a sua confirmação nos territoria vizinhos meridionais de $Seilium^{24}$ e de $Collipo^{25}$.

Infelizmente, nada mais nos chega que possa completar a identificação do defunto e aclarar a estrutura do seu epitáfio. Em face dos dados onomásticos apresentados e também levando em conta a excepcional qualidade do suporte, claramente alinhada com os cânones estéticos romanos, presumimos o estatuto quiritário do falecido, que, neste cenário, bem poderia ter sido elemento pertencente à família patrona da mãe de *Antonius Flavinus* que, como vimos, teve sepultura em *Conimbriga*, admitindo a extracção servil de ambos os progenitores²⁶.

Assim, terão constado, na terceira linha e seguintes do epitáfio, o cognome do defunto, verosimilmente não antecedido da menção da tribo, bem como a sua idade à data de falecimento e até alguma fórmula funerária.

Atentando no modo como se apresenta a filiação, por intermédio de um patronímico, torna-se plausível a relação deste indivíduo com a fundação da *gens* conimbricense, pensando que o facto de exprimir a sua ingenuidade dessa forma, ao modo dos

¹⁹ Ruivo, *op. cit.*, p. 134.

²⁰ CIL II 202 = ILER 2392; CIL II 242 = ILER 2401; CIL II 4993 = ILER 1265; HEp 3 485. Do ager Olisiponensis: CIL II 270 = ILER 4161; CIL II 5009 = ILER 3987; AE 1981, 491.

²¹ CIL II 4993 = ILER 1265.

 $^{^{22}}$ CIL II 327 = ILER 5380; CIL II 328 = ILER 5381; CIL II 329 = ILER 2296; CIL II 330 = ILER 4280.

²³ Ruivo, *op. cit.*, p. 135.

²⁴ *ILER* 5410; *CIL* II 335 = *ILER* 3740.

²⁵ AE 1971, 163 = AE 1992, 940.

²⁶ ÉTIENNE *et alii*, *op. cit.*, p. 69, abertamente equacionam a origem servil do pai e a ocorrência da sua alforria no intervalo que medeia entre o nascimento do filho e o da filha.

peregrini, pode indicar que o acesso à cidadania foi conseguido por ele²⁷. Atendendo à cronologia proposta para o altar, como abaixo se verá, um cenário possível poderia ser o do acesso à *civitas Romana per honorem*, isto é, pelo desempenho de magistraturas na administração da cidade no âmbito da vigência do direito latino.

Conimbriga foi oppidum estipendiário e terá ascendido ao estatuto municipal na sequência da extensão do ius Latii à Hispânia²⁸, pelo que, se pensarmos numa naturalização per honorem, estaremos plausivelmente perante um caso que terá acontecido, todavia, em fase anterior à municipal, uma vez que, presumindo assentar nesta via o acesso à cidadania romana, o pai não terá sido beneficiário da medida, particularidade que não se compagina com o quadro legal municipal, conforme se poderá depreender a partir da lex Irnitana²⁹.

Documentam-se na epigrafia de Conimbriga mais dois casos em que a filiação se realiza por intermédio de patronímico: num caso, com M(anius) Antistius Agrippae f. Agrippinus, plausível destacado proprietário fundiário, conforme se regista no seu epitáfio³⁰, datável de finais do século I ou do início do século II, presumivelmente anterior à ara em apreço; noutro, com Sulpicia Amoena Tapori f., lembrada, igualmente, em

²⁷ Chastagnol, André, Considérations sur les gentilices des pérégrins naturalisés romains dans les Gaules et les provinces des Alpes. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*. Paris, 1993 [p. 167-183], p. 174; Redentor, Armando, *A cultura epigráfica no* conuentus Bracaraugustanus: *percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, I, p. 189-190.

²⁸ Alarcão, Jorge e Étienne, Robert, *L'architecture*, Paris: De Boccard, 1977 (*Fouilles de Conimbriga*; 1), p. 85; Alarcão, Adília, Mayet, Françoise e Nolen, Jeannette, *Ruínas de Conímbriga*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1989 (Roteiros da Arqueologia Portuguesa; 2), p. 71; Guerra, Amílcar, *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri, 1995 (Aqueologia & História Antiga; 1), p. 83; Le Roux, Patrick, *La péninsule Ibérique aux époques romaines (fin du III^e s. av. n. è. – début du VI^e s. de n. è.)*, Paris: Armand Colin, 2010 (Collection U Histoire), p. 192.

²⁹ Kremer, David, Ius Latinum: le concept de droit latin sous la République et l'Empire, Paris: De Boccard, 2006 (Romanité et modernité du droit), p. 147-148.

³⁰ Fouilles de Conimbriga II, 30.

inscrição funerária, datável do século II³¹.

Tendo em consideração, por um lado a ausência de invocação aos deuses Manes e a utilização do dativo, por outro a identificação duonominal do defunto, bem como a paleografia e a tipologia do suporte, a epígrafe que temos em análise é datável da primeira metade do século II, possivelmente de momento não anterior aos seus meados.

A matéria calcária oolítica do suporte provém, muito possivelmente, das pedreiras, que estiveram em actividade até aos nossos dias, localizadas entre as aldeias de Mocifas e Malhadas (União das Freguesias de Degracias e Pombalinho), no concelho de Soure, as quais se situam a menos de 20 km a sul de Conimbriga, nas proximidades da principal via romana que ligava esta cidade a Seilium (Tomar). A formação geológica aflorante é o Batoniano (J²_k), correspondente ao Jurássico médio³². Apesar de a identificação geológica ter sido realizada por método comparativo baseado em observação macroscópica e não por exames nucleares, afigura-se viável esta proposta de proveniência, por serem as pedreiras deste tipo de calcário compacto e dúctil que se encontram a menor distância de *Conimbriga* e com enquadramento no seu territorium. As pedreiras de calcário oolítico de Ançã, situadas a cerca de 35 km, e as de Porto de Mós, a cerca de 80 km, são as que, a seguir às de Malhadas, se encontrariam mais próximas do raio de acção dos lapidarii e lapicidae locais.

Este aspecto afigura-se, assim, como mais um indício da relevância que o aproveitamento dos recursos geológicos do território da cidade teve no dinamismo económico que esta terá polarizado, induzido por novas necessidades e hábitos – entre os quais o epigráfico – que se desenvolvem no seio da comunidade conimbricense.

Armando Redentor Miguel Pessoa

³¹ Fouilles de Conimbriga II, 37.

³² Manuppella, Giuseppe, Zbyszewski, Georges e Ferreira, O. V., *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000: notícia explicativa da folha 23-A (Pombal)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1978.



© Francisco Pedro.





620

GRAFITO CIRILI EM TAÇA DE TERRA SIGILLATA, DE LISBOA

Foram encontrados nas intervenções arqueológicas que decorreram nos Antigos Armazéns Sommer, em Lisboa da responsabilidade da Empresa Neoépica durante o ano de 2014, fragmentos de uma taça de pequenas dimensões¹ em *terra sigillata* hispânica, produzida nas olarias béticas de Los Villares de Andújar (Jáen), da forma Drag. 27, que, depois de colados, se verificou ostentarem um grafito, feito com estilete no fundo, após a cozedura.

As letras são cursivas, como seria de esperar numa inscrição com estas características: o C é de traçado bem regular; o R ligeiramente encurvado para trás, claramente feito com dois movimentos: o primeiro, vertical, de cima para baixo, uma haste bastante longa e o segundo, para fazer o resto da letra, em forma de ziguezague, provocando, no final, algum esborcinamento da superfície; o segundo I é muito direito, dando a entender que houve o uso de uma régua como acontece com a haste vertical do L; a barra dessa mesma letra arranca um pouco acima do vértice inferior e segue não propriamente na horizontal mas com uma ligeira obliquidade. Defronte da palavra, a estilização de um ramo

Diâmetro da base = 38 mm; altura (incompleta) = 33 mm; espessura média
 5 mm.

de seis 'braços', três de cada lado, poderá representar a árvore da vida, comum neste tipo de inscrições, mas que, neste contexto, será preferentemente como que o «logótipo» do oleiro.

Na verdade, este genitivo poderá ter, como habitualmente, duas interpretações: ou se trata do destinatário do lote de peças encomendadas ao oleiro e *Cirilus* seria, nesse âmbito, o proprietário não apenas desta taça mas de todo o lote a que ela pertencia ou, o que nos parece mais evidente, atendendo à presença do ramo identificador, o nome do oleiro, ainda que o mais normal seja haver um *sigillum* (daí, aliás, o nome de *terra sigillata* a este tipo de cerâmica), o que, na circunstância, poderá não ter sido opeão.

Na antroponímia da Lusitânia romana, o nome *Cirilus* ainda não fora registado. Kajanto² não o inclui entre os cognomes latinos e na base de dados HEpOL³ na Hispânia e regista-se apenas um fragmento de inscrição (nº de registo 1229) com [...]CIRILI[...] cujo suporte se desconhece, encontrada em Saelices (Cuenca, Castilla-La Mancha), mas dá a entender que se trata do final de um nome. Ou seja, não é testemunho credível. No rol de antropónimos gregos registados em Roma por Solin, temos a ocorrência de diversos *Cyrilli*,⁴ tanto no masculino como no feminino, sendo boa parte dos testemunhos referente a escravos ou libertos.

Estamos, portanto, perante um nome que foi usado na época romana predominantemente com grafia grega, que se apresenta aqui com grafia perfeitamente latina e este é um aspecto digno de registo. De acordo com os testemunhos registados na base de dados de Klauss⁵, apenas teremos mais um testemunho desta grafia, na cidade de Roma (EDCS 39 800 409), e eleva-se a 73 o número de testemunhos com Y e dois LL referidos nessa base de dados, mormente na Urbe.

Por conseguinte, apesar da sua aparente simplicidade,

² Kajanto, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

³ HEpol = Hispania Epigraphica on line, acessível em http://eda-bea.es/

⁴ Solin (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982, p. 409 e 410.

⁵ Acessível em: <u>http://www.manfredclauss.de/gb/</u>

o grafito dá-nos conta do aparecimento, pela primeira vez, deste antropónimo assim grafado na epigrafia da Península Ibérica.

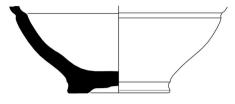
O contexto de produção da taça é claramente bético, atendendo ao tipo de pasta cerâmica que apresenta. Por sua vez poderemos apontar no que diz respeito ao aspecto cronológico, pese a falta do quarto de círculo superior e o seu bordo, que a taça deverá ter sido produzida durante a segunda fase de laboração das olarias de Los Villares⁶ à qual corresponde uma datação que corresponde a um intervalo que se inicia em época flávia terminando algures durante o século II da nossa era⁷.

José d'Encarnação Eurico Sepúlveda

⁶ Bustamante Álvarez (Macarena), La Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte. Anejos de AEspA, LXV, Mérida, 2013, p. 209.

Mais tarde esse nome virá a ser famoso, pois identificou, como se sabe, um patriarca da Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, Cirilo (376-444).

Agradecemos a Nuno Neto, da empresa Neoépica, Lda., todas as facilidades concedidas para a publicação deste segmento epigrafado mesmo antes de ser tornado público o relatório final da intervenção efcetuada.



HCS/14 . ST-1[1772] 689





621